

# AS MUDANÇAS DA TEOLOGIA DO ESCOLASTICISMO MEDIEVAL AO ESCOLASTICISMO DA REFORMA

Valdemir Pires Moreira<sup>1</sup>  
Rômulo César de Sales Pessoa<sup>2</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma breve análise das mudanças teológicas ocorridas durante a Idade Média, mais precisamente, analisaremos o desenvolvimento teológico no período da escolástica medieval (c. 1050 a 1350) com ênfase na escolástica protestante, uma forma de fazer teologia seguindo os princípios da escolástica medieval, rejeitada principalmente pelos principais reformadores protestantes, mas adotada por um dos maiores proponentes da escolástica protestante, o sucessor de João Calvino em Genebra, Teodoro Beza (1519-1605).

**Palavras chaves:** Teologias, Escolasticismo, Protestantismo.

## ABSTRACT

The purpose of this article is to present a brief analysis of the Theological changes that occurred during the Middle Ages, more precisely, we will analyze the Theological development in the period of medieval scholasticism (c. 1050 to 1350) with emphasis on Protestant scholasticism, a way of doing theology following the principles of medieval scholasticism, which had been rejected mainly by the main Protestant Reformers, yet adopted by one of the major proponents of this Protestant scholasticism, the successor of John Calvin in Geneva, Theodore Beza (1519-1605).

**Key words:** Theologies, Scholasticism, Protestantism.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pelo Centro Universitário Inta – UNINTA, com Especialização em Gestão e Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Maciço de Baturité. E-mail: [valdemirpmoreira@yahoo.com.br](mailto:valdemirpmoreira@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Graduado em Teologia pela Faculdade Kuryos, com Especialização em Filosofia pela FCT e Especialização em História e Especialização em Gestão e Docência do Ensino Superior pela Faculdade do Maciço de Baturité. E-mail: [romulocsales2@gmail.com](mailto:romulocsales2@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

O teólogo italiano Tomás de Aquino, é considerado por muitos como sendo o maior nome do escolasticismo, suas obras, em particular a *Summa Theologica*, é considerada a obra clássica do escolasticismo. Foi o escolasticismo medieval o ponto de partida para o surgimento do Renascentismo, durante esse período o saber teológico cresceu de maneira considerável, relacionando temas como, razão, lógica, ciência e fé. Contribuindo assim, de maneira considerável na história para aqueles que dariam início (Pré-Reformadores) e a execução da Reforma Protestante (Martinho Lutero). Após a Reforma Protestante, alguns teólogos usaram novamente o estilo escolástico para produzirem teologia.

Percebemos assim, como a forma de se pensar e fazer teologia influenciou e continua a influenciar o labor teológico contemporâneo, pois, como qualquer ciência precisa-se de um método (caminho), para se trilhar e conseguir chegar ao destino pretendido, logo a forma lógica e exaustiva dos escolásticos, sobretudo de Tomás de Aquino nos proporciona esta verificação racional.

O escolasticismo protestante é nada mais, nada menos do que uma volta ao modo de fazer teologia seguindo os princípios do escolasticismo medieval, que havia sido rejeitado principalmente pelos principais reformadores protestantes. É com Theodoro de Beza, sucessor do teólogo francês João Calvino, que teremos o ressurgimento desse estilo de se fazer teologia, que por sua vez, trará à tona, debates sobre as doutrinas da predestinação, alterada por Beza que a transformou em uma dupla predestinação.

Tal pensamento de Beza, foi rejeitado pelo teólogo e pastor holandês Jacó Armínio, que afirmando a doutrina da predestinação, rejeitava a forma de predestinação ensinada por Calvino e seu sucessor Beza. Veremos ainda de maneira breve, definições e defensores da doutrina monergistas e sinergistas, e alguns dos debates que envolveram ambos os lados.

## **2 VIDA, OBRAS E TEOLOGIA DE TOMÁS DE AQUINO**

Tomás de Aquino (1225-1274), o maior dos pensadores escolásticos, conhecido como O “Doutor Angélico”, nasceu em um castelo na Itália, de propriedade de sua família (Viveu na cidade de Paris, no século XIII). Seu pai, o conde Landulfo de Aquino, pertencia a pequena nobreza. Os primeiros estudos de Tomás de Aquino se deram no mosteiro de Monte Cassino, fundado por Bento de Núrsia. Foi na Universidade de Nápoles que teve contato com a filosofia de Aristóteles e com a ordem dominicana, apaixonando-se por ambas (VIANA, 2017, p.71).

Após ingressar na ordem em 1242, a família de Aquino, diz Olson (2001, p.341), manteve Tomás confinado no castelo por dois anos sem conseguir persuadi-lo a abrir mão do seu sonho de tornar-se estudioso de Aristóteles entre os frades dominicanos. Acabaram soltando-o, ele imediatamente voltou para a ordem.

Percebe-se como a filosofia aristotélica influenciou a teologia tomista, principalmente na sua forma lógica/dedutiva de argumentação, quase que de maneira geral utilizando-se dos silogismos do filósofo de Estagira, sendo este o método mais encontrado em suas *Summa Theologica*.

Após ser solto, ingressa na Universidade de Colônia, na Alemanha, tornando-se aluno do grande escolástico dominicano Alberto Magno (1193-1280), o qual preveu a sua futura grandeza. Na Universidade de Paris da continuidade a seus estudos teológicos e filosóficos, escola essa, dominada por franciscanos, os quais eram opostos a Aristóteles. Em 1256, Aquino começa seu professorado em teologia na mesma cidade (VIANA, 2017, p.71).

Sobre as obras de Aquino, destacamos seus trabalhos filosóficos e teológicos. Sobre os trabalhos filosóficos produzidos por Aquino, Justo Gonzalez nos informa que:

A maioria dos trabalhos filosóficos de Aquino são comentários sobre Aristóteles, sobre o anônimo seguidor de Proclus, que escreveu a obra Livro sobre causas, e sobre Boethius. Mas ele também escreveu trabalhos filosóficos originais, tais como as obras Sobre ser e essência e sobre os princípios da natureza (GONZALEZ, 2004, p.251).

Sobre os principais trabalhos produzidos por Aquino no campo da teologia nos informa Gonzalez que:

No campo da Teologia propriamente dita, os três trabalhos mais importantes de Tomás são; Comentários sobre as sentenças. Suma contra os gentios, e Suma teológica (GONZALEZ, 2004, p.251).

Sobre as obras Suma contra Gentiles e Summa Theologica de Aquino comenta Haggglund:

Summa contra Gentiles, obra apologética que abrange todo o campo da teologia; Summa Theologica, iniciada em 1269 e ainda não concluída por ocasião de sua morte (as partes faltantes foram supridas mais tarde por um dos seus discípulos que usou material correspondente do comentário de Tomás sobre as Sentenças); várias obras menores; e comentários sobre a maioria das obras de Aristóteles (HAGGLUND, 2003, p.156).

Haggglund comenta ainda a impotência da Summa Theologica produzida por Aquino e diz ser essa a obra clássica de todo o escolasticismo:

A Summa Theologica, a obra prima de Tomás de Aquino e a obra clássica de todo o escolasticismo, e que ainda é o texto básico para o estudo teológico da Igreja Católica Romana, compõe-se de três partes: a primeira parte trata do Ser Divino e da obra criadora de Deus; a segunda parte trata de Deus como o alvo da atividade humana; e a terceira parte trata de Cristo como o caminho para alcançar o alvo, dos sacramentos e da vida eterna (HAGGLUND, 2003, p.156).

O pensamento de Aquino é vasto, abrangendo uma variedade enorme de temas, sendo assim, faremos algumas observações de alguns temas centrais de seu pensamento. Mais antes, queremos deixar claro que o estilo de Aquino é tipicamente escolástico, caracteriza-se iniciando com uma questão disputa, examinando as objeções e expondo seu ponto de vista (VIANA, 2017, p.71). Olson (2001, p.343) nos diz que “o método teológico de Aquino começa estabelecendo a relação entre o conhecimento natural (a filosofia e outras ciências não teológicas) e a revelação divina, para buscar algum conhecimento sobre Deus”.

Viana, nos diz que Aquino (2017, p.71) “não considerou a fé indispensável para o entendimento de certas questões, como a existência de Deus, seus atributos, a imortalidade da alma e as leis morais básicas”. Para Olson:

Aquino queria demonstrar que existia um mundo natural e um tipo de conhecimento natural que não dependem totalmente da graça, de modo que até mesmo um não-cristão, totalmente destituído de fé — como Aristóteles — podia seguir o caminho puramente natural para conhecer Deus. (OLSON, 2001, p.344).

Para ele a operação da razão é fruto da imagem de Deus no homem. Aquino havia encontrado na filosofia de Aristóteles o que havia de melhor no reino inferior da razão. A maneira de explicarmos a teoria de Aquino, que constitui o alicerce de toda sua

teologia, é que para Aquino, o reino inferior constitui-se basicamente da filosofia de Aristóteles, e a revelação sobrenatural e divina, o reino superior. Segundo Aquino, ninguém é salvo e não se alcança a “visão beatífica de Deus” no céu sem chegar ao reino superior (OLSON, 2001, pp.344-345).

Aquino apresenta cinco maneiras pelas quais demonstram racionalmente a existência de Deus, e em todas elas existem de alguma forma características da filosofia de Aristóteles, são elas: primeira maneira de Aquino demonstrar a existência de Deus foi com base no fenômeno natural. Tudo o que é movido precisa ter uma causa motriz e não pode haver uma cadeia infinita de regressão do movimento. Segunda maneira, Aquino usa a causalidade, semelhantemente a primeira, argumenta que tudo no universo é causado, e a essa causa a qual todos chamam de Deus. A terceira maneira é a mais contundente, para ele, mesmo que o mundo fosse eterno, como declarou Aristóteles, nem por isso deixaria de exigir uma explicação, pois o mundo é feito de coisas finitas e dependentes que exigem explicação de como veio a existir. O mundo precisa de uma causa não causada para sua contínua existência e mesmo para seus princípios. Quarta maneira enfoca as graduações que se acham nas coisas e conclui que “deve haver [...] algo que seja, para todos os seres, a causa da existência, virtude e qualquer outra perfeição; e a ela chamamos de Deus”. A Quinta e última maneira é recorrer aos propósitos das coisas de acordo com sua ordem natural: “Existe algum ser inteligente, por quem todas as coisas naturais são dirigidas para um fim; e esse ser chamamos Deus” (OLSON, 2001, p.346-347).

Aquino declara ser Deus a primeira causa de tudo, o primeiro motor imóvel. Em Deus não existe mudança, sua essência e sua existência se equivalem, ele é absolutamente simples, diferente de qualquer ser finito e criado. Essa abordagem é o que se por vezes se denomina teísmo cristão clássico. O Deus de Aquino não parece ser um Deus pessoal, que se relaciona com sua criatura e criação, como se fosse um Deus não dotado de sentimentos, mas estático e indiferente, ao contrário do Deus declarado na Bíblia. Foi contra essa descrição de Deus que o grande filósofo e místico cristão do século XVIII, Blaise Pascal, escreveu: “O Deus dos filósofos não é o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó” (VIANA, 2017, p.72).

O pensamento soteriológico de Aquino reúne vários temas importantes da teologia cristã. Apesar da salvação estar no âmbito sobrenatural da graça de Deus, não

anula e sim eleva a natureza humana. Para ele a queda do homem destruiu a justiça original com a qual o homem foi criado, isso é, o seu relacionamento com Deus, mas não sua imagem de Deus, a razão permaneceu essencialmente intacta. A graça salvífica, que atua mediante o batismo, a fé, os sacramentos e as boas obras, restaura o relacionamento com Deus e finalmente leva o ser humano a contemplação de Deus (VIANA, 2017, p.73).

Em Aquino encontramos a salvação como dádiva exclusiva de Deus que não pode ser conquistada pelo mérito humano. Mais tarde, e o teólogo holandês Jacó Armínio (1560-1609) concordariam com esse ponto soteriológico desenvolvido por Aquino, isso é, que a salvação é exclusivamente mediante a graça de Deus.

### **3 O ESCOLASTICISMO MEDIEVAL**

O período escolástico medieval (c. 1050 a 1350), para a maioria dos historiadores da igreja e teólogos, foi basicamente um movimento que procurou demonstrar a conciliação entre a fé cristã e o pensamento racional, dando, assim, uma nova dimensão ao desenvolvimento da teologia cristã para muitos teólogos e filósofos escolásticos o raciocínio humano com a ajuda da graça de Deus para descobrir respostas para todas as perguntas que se podia imaginar (OLSON, 2001, p.317-318). Segundo Cairns:

“A partir de 1050, os escolásticos substituíram os Pais da Igreja como os principais guardiões da verdade; desse modo, o ‘Doutor’ tornou-se um termo tão honroso como “Pai” Já o fora na história da Igreja” (CAIRNS, 2008, p. 207)

Três características comuns marcaram o escolasticismo medieval. Em primeiro lugar, o escolasticismo abraçou com paixão a razão como caminho para o conhecimento, sendo assim, a maioria dos escolásticos tinham por lema “a fé em busca de entendimento” ou “creio para compreender”. Uma segunda característica do escolasticismo medieval foi a grande preocupação em descobrir a relação correta entre as filosofias não-cristãs e a revelação divina. Uma terceira e última característica foi o emprego de um certo estilo de ensinar e escrever centrado-se em grandes comentários sobre teólogos e filósofos do passado por meio do uso da dialética – o método de postular um problema ou questão e então debater seus vários aspectos (OLSON, 2001, p.318-319).

Faremos menção de quatro dos principais teólogos que marcaram o escolasticismo medieval. O primeiro deles é *Anselmo de Cantuária* (1033-1109), considerando o grande teólogo escolástico, escrevia na forma de orações e de diálogos, incluindo muitas perguntas às vezes dirigidas a Deus, e em outras, a um interlocutor imaginário. Em seguida, levantava uma discussão sobre as respostas possíveis a fim de chegar a soluções verdadeiras reduzindo as outras ao absurdo lógico. Anselmo passa a se tornar conhecido na história intelectual secular pelas construções de provas da existência de Deus pelo argumento ontológico (OLSON, 2001, p.319).

O segundo é *Pedro Abelardo* (1079-1142), considerado o grande gênio escolástico medieval. De acordo com Cairns (2008, p.211) Aberlado “logo se fez famoso por sua capacidade intelectual. Suas aulas de teologia na Universidade de Paris fizeram-no tão famoso que chegou a ter milhares de alunos em suas classes”. Cairns (2008, p.211) diz ainda que Aberlado “ao contrário de Agostinho e Anselmo, defendia a ideia do *intelligo ut credam* (Conheço para que possa crer).

O terceiro é *Bernardo de Claraval* (1090-1153). Olson trata-o como sendo “sem dúvida o líder eclesiástico mais influente daquela época. Pregou contra Aberlado em Paris e pediu que fosse condenado pelo papa”. Aberlado desafiou as crenças que considerava ilógicas ou antibíblicas, independente se fossem tradicionais ou não. O que ocasionou a acusação de Bernardo de que Aberlado tentava sutilmente subverter a tradição cristã. (OLSON, 2001, p.333).

O quarto é *Tomás de Aquino* (1225-1274), considerado o maior pensador escolástico de todos. Olson (2001, p. 319) nos informa que “Tomás de Aquino, escrevia apresentando uma proposição e, ou pergunta, postulando objeções e respostas tradicionais de autoridades aceitáveis e, em seguida, argumentando em favor da única verdade lógica possível”. Podemos dizer que uma das principais contribuições de Aquino foi a releitura de Aristóteles na esfera cristã. Segundo Olson (2001, p.340) “Aquino rapidamente a assimilou e passou o resto da vida tentando reconciliá-la com a revelação divina, porque “Aristóteles se tornou para ele um paradigma da boa lógica”.

Todos os escolásticos atribuíam devido valor a lógica, e admitiam que a lógica era uma dádiva de Deus para a mente que a conectava ao mundo e ao próprio Deus. Sendo assim, contribuíram consideravelmente para o desenvolvimento da teologia cristã (OLSON, 2001, p.319).

## 4 O MOVIMENTO RENASCENTISTA

Não encontramos nenhuma data exata para marcar o começo da Renascença. Renascença, literalmente significa novo nascimento, em alusão ao despertar da Europa para um novo interesse pela literatura, pelas artes e pela ciência, contribuindo assim, para a transformação dos métodos e propósitos medievais em métodos modernos, é com o Renascentismo que o terreno será preparado para o advento da Reforma Protestante.

Nichols, falando acerca do surgimento e dos benefícios do movimento renascentista nos diz que:

Já um grande movimento se processava na vida da Europa, movimento que produziu a energia necessária para a revolução religiosa. Os séculos 14, 15 e 16 foram uma Renascença, aquele despertar da natureza humana que se processou tão extensa e profundamente que foi necessária uma nova palavra para descrevê-la: Renascimento. Todas as faculdades da natureza humana foram maravilhosamente despertadas e todas as atividades humanas apresentaram extraordinário progresso. A mente humana fez novas e esplêndidas conquistas em todas as direções (NICHOLS, 2000, p.149).

Dentre as grandes descobertas que marcam o período na Renascença, encontramos as seguintes: as descobertas geográficas, como as de Cristóvão Colombo e Pedro Álvares Cabral, descobertas estas que aconteceram no Oriente e no Ocidente, onde a forma e o tamanho exatos da terra foram determinados. Outra grande descoberta foi a do Sistema Solar, descoberta essa feita por Copérnico, que revolucionou o saber humano a respeito do universo em que vivemos. Outro grande benefício foi as invenções mecânicas dentre elas, destaca-se a invenção da imprensa (1450). Por meio dela, as informações passaram a circular com uma rapidez não vista antes. Por meio da imprensa os livros despertaram a mente humana e aprofundaram as pesquisas, sendo assim, podemos dizer que a imprensa foi a principal ferramenta usada em benefício da Reforma Protestante (NICHOLS, 2000, p.149).

As descobertas geográficas provocaram uma rápida expansão do comércio e da indústria. Na esfera política, surgiu um rápido desenvolvimento da vida nacional e do poder político, tanto na França como na Espanha e Inglaterra. A contribuição também foi cultural, possibilitando a mente da Europa interagir com a cultura e a civilização da Grécia e de Roma, elementos esses até então desconhecidos pela Idade Média. O descobrimento da língua grega desconhecida por séculos pela Europa, e todo o maravilhoso mundo do pensamento clássico, da literatura e da arte, foram

repentinamente descobertos. Um dos aspectos da Renascença que contribuiu para diretamente para o advento da reforma na religião, foi a disseminação da língua grega proporcionando ao homem a oportunidade de lerem o Novo Testamento no original, com muito júbilo muitos dos humanistas, como eram conhecidos os estudiosos dessa renovação cultural, estudaram profundamente o Novo Testamento (NICHOLS, 2000, p.150).

Dentre os humanistas, destacamos João Colet, de Oxford, e o grande cultor do Novo Testamento, Erasmo, representantes desse resultado religioso do Reavivamento da Cultura, foram eles que expuseram segundo nos revela o Novo Testamento e continuaram a confrontar e a derrotar os males da Igreja papal. Foram os humanistas que fortaleceram o espírito da reforma na Igreja e provocaram um grande interesse pelo estudo da Bíblia, transformando homens em leitores e indagadores das Escrituras, afim de desfrutarem de uma forma de religião mais verdadeira. Sendo assim, todo o movimento da Renascença foi o responsável por influenciar o ressurgimento e a elevação da mente humana, promovendo assim, o abandono de ideias velhas e a abraçarem novos caminhos. A Renascença foi a poderosa precursora da renovação que se aproximava nas ideias religiosas. Concluimos que, sem a Renascença, a Reforma não teria ocorrido (NICHOLS, 2000, p.151).

## **5 A REFORMA PROTESTANTE**

A Reforma Protestante, como nos informa Ferreira, não foi só um importante movimento religioso:

Muito mais que isso, foi uma *revolução social*, compreendendo-se revolução como meio de alcançar-se liberdade, como queria John Milton, o grande pensador inglês do século XVII. Seus desdobramentos serviram de ponte entre o Renascimento e o Iluminismo, desaguando, mais tarde, no largo estuário das revoluções Americana e Francesa (FERREIRA, 2017, p.13).

Dentre muitos fatores que tornaram inevitável a Reforma, podemos destacar o um de âmbito religioso, que foi: A relutância da Igreja Católica Romana em aceitar as mudanças sugeridas por homens (pré-reformadores) tais como, John Wycliffe e John Huss, e a liderança dos concílios reformadores e dos humanistas.

Diante de tudo isso, como devemos considerar a Reforma? Cairns observa que:

Se considerarmos a Reforma somente a partir de uma perspectiva da *política* ou da administração eclesiástica, ela pode ser tida como uma revolta contra a autoridade da Igreja de Roma e seu chefe, o papa. Ao se admitir que a Reforma teve um caráter revolucionário, não se está dizendo necessariamente que a verdadeira igreja se restringisse a Roma. Os reformadores, e muitos outros que os precederam, procuraram malgradadamente reformar a Igreja Católica Romana medieval a partir de dentro, mas foram forçados a deixar a velha organização, por causa de suas ideias renovadoras. No Catolicismo Romano, porém, a renovação veio mais tarde (CAIRNS, 2008, p.250).

O termo “Reforma Protestante” ficou registrado no tempo. Sendo que a Reforma foi uma tentativa de voltar à prática do texto bíblico, isso é, voltar à pureza do cristianismo neotestamentário. É correto que se continue usando o termo para descrever esse precioso movimento religioso de 1517 a 1545. O interesse dos reformadores era o de desenvolver uma teologia que estivesse em completa concordância com o Novo Testamento; eles acreditavam que isso seria possível, a partir que a Bíblia Sagrada retornasse ao seu devido lugar no seio da Igreja, isso é, o lugar de única regra de fé e prática (CAIRNS, 2008, p. 250).

Martinho Lutero nasceu no dia 10 de novembro de 1483 na pequena cidade de Eisleben, após passar um breve período na escola dos Irmãos da Vida Comum em Magdeburg, foi mandado para uma escola em Eisenach (1498 a 1501), onde recebeu ensino superior em latim, condição essencial para sua entrada na Universidade. Em 1501 começou a estudar na Universidade de Erfurt, onde estudou filosofia (de Aristóteles). Em 1502, recebeu o grau de bacharel em artes e, em 1505, o de mestre em artes. Três semanas depois de uma experiência de sua “conversão”, Lutero ingressa num mosteiro de ordem agostiniana em Erfurt. Em 1507, foi ordenado e celebrou sua primeira missa. Em 1508, ensinou teologia por um semestre na nova universidade, fundada em Wittenberg em 1502. Seus estudos em Erfurt passaram a ser principalmente teológicos. Tais estudos lhe acentuaram sua luta interior; encontrou auxílio nos conselhos do piedoso Johann Von Staupitz (c.1469-1524), o vigário da sua ordem, que o aconselhou a confiar em Deus e a estudar a Bíblia.

Em 1510 e 1511, é enviado por sua ordem a Roma a negócios. Chegando em Roma ele presenciou não pouca corrupção e luxúria da Igreja Romana e começou a compreender a necessidade de uma reforma. Presenciou nas igrejas que visitou, numerosas relíquias que estavam em Roma. Em 1511, Lutero é transferido para Wittenberg. Durante o ano seguinte, tornou-se professor de Bíblia, recebendo assim, seu

título de doutor em teologia, sendo que até sua morte ele ocupou a posição de professor em teologia. Lutero passou a ensinar os livros da Bíblia no vernáculo e a estudar as línguas originais da Bíblia. Aos poucos foi chegando à conclusão de que somente na Bíblia se pode encontrar a verdadeira autoridade. Nos anos de 1513 a 1515, ministrou aulas sobre Salmos, de 1515 a 1517, sobre a carta aos Romanos e depois, Gálatas e Hebreus.

Entre 1515 e 1519, quando preparava suas aulas foi impactado pela a leitura de Romanos capítulo 1 convencendo-se assim, que somente pela fé em Cristo era possível alguém tornar-se justo diante de Deus. Tal impacto o levou a encontrar a paz interior que conseguira encontrar em meio aos ritos, nos atos ascéticos. Em 1517, Johann Tetzel, o astuto agente do arcebispo Alberto, começou a venda de indulgências em Jüterbock, próximo de Wittenberg. Do dinheiro arrecadado a metade seria destinado a Alberto para o empréstimo tomado dos banqueiros quanto a outra metade iria para as mãos Leão X para ajudar no pagamento pela construção da Basílica de São Pedro em Roma.

Lutero e aqueles que haviam sido impactados pelas recém descobertas da fé revoltaram-se contra a exploração do povo por esse sistema nefasto, e passaram a protestar publicamente. Tetzel ensinava que o arrependimento não era necessário para quem comprasse uma diligência, por si a mesma era suficiente de conceder perdão completo de todo pecador. Em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou suas 95 Teses na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, através da qual condenava os abusos do sistema das indulgências e desafiava a todos que tomassem conhecimento delas para um debate sobre o assunto, dando assim início aos debates que culminariam na Reforma.

## **6 O ESCOLASTICISMO PROTESTANTE**

O escolasticismo protestante é uma volta ao modo de fazer teologia seguindo os princípios do escolasticismo medieval, que foi rejeitado principalmente pelos principais reformadores protestantes. Olson nos informa como se deu o início do chamado, escolasticismo reformado:

Embora os principais reformadores protestantes da primeira geração, com o Lutero, Zuínglio e Calvino, tenham reagido contra o escolasticismo e a teologia escolástica, seus seguidores imediatos voltaram-se para um tipo de

pensamento escolástico que dava muito mais ênfase à filosofia e à lógica e procurava usá-las para desenvolver sistemas altamente coerentes de doutrina protestante (OLSON, 2001, p.466).

Muitos dos pensadores da pós-Reforma tentaram construir uma teologia protestante rígida que rebatesse todas as heresias. Esses escolásticos protestantes, imitando o estilo de Tomás de Aquino, tentaram suprir o mistério, a incerteza e a ambiguidade da teologia protestante. Sendo que Lutero e Calvino estavam satisfeitos com o pouco de mistério na teologia, tais protestantes escolásticos procuravam empregar as Escrituras, a tradição e a razão para desenvolver um sistema abrangente de toda a verdade. A maioria dos escolásticos protestantes dos séculos XVI e XVII não tinha consciência do estilo de estudo que estavam empregando, estilo de estudo esse, semelhante ao empregado por Tomás de Aquino e por outros teólogos católicos medievais. Apesar disso, os teólogos históricos posteriores (dentre eles, Richard Muller, um dos principais estudiosos do escolasticismo protestante), a esse desenvolvimento teológico, não puderam deixar de perceber a semelhança (OLSON, 2001, pp. 466-467)

Um dos principais personagens desse escolasticismo protestante foi o sucessor de João Calvino em Genebra, seu nome era Teodoro Beza (1519-1605). Quando Calvino morreu em 1564, Beza assumiu seu lugar. Beza era chefe da Academia de Genebra e professor, presidente do Conselho de Pastores, uma influência poderosa sobre os magistrados de Genebra e porta-voz e defensor da posição protestante reformada. (OLSON, 2001, p.467). Bangs nos diz que: “Na época em que Armínio estudou sob ele, Beza era o honrado e ancião patriarca das igrejas reformada” (BANGS, 2015, p.75).

Visando proteger a doutrina da predestinação de qualquer possibilidade de sinergismo, Beza e outros calvinistas desenvolveram o que ficou conhecido como supralapsarianismo (de supra = antes e lapsus = queda) ao refletir sobre a ordem lógica, não cronológica, dos decretos de Deus. Nessa corrente, corrente a ordem dos decretos sendo a seguinte: 1. O decreto divino de predestinar criaturas à salvação e à vida eterna e outras à perdição e ao castigo eterno no inferno; 2. O decreto divino de criar o mundo e a humanidade; 3. O decreto divino de permitir que os seres humanos caíam no pecado; 4. O decreto divino de fornecer meios para a salvação (Cristo e o evangelho) dos eleitos; 5. O decreto divino de aplicar aos eleitos a salvação (a justiça de Cristo) (VIANA, 2017, p.99-100).

Olson comentando o que significa teologicamente o supralapsarianismo, diz que o mesmo tem por objetivo focar o principal propósito de Deus, que segundo esse sistema é glorificar a si mesmo:

Uma forma de ordenar os decretos divinos de tal maneira que a decisão e o decreto de Deus em relação à predestinação dos seres humanos, ao céu ou ao inferno, antecede seus decretos de criar os seres humanos e permitir sua queda [...] O primeiro e principal propósito de Deus no seu relacionamento com o mundo é glorificar a si mesmo (sempre o motivo principal de Deus em tudo), salvando algum as criaturas e condenando outras. A dupla predestinação, portanto, logicamente antecede à criação, à queda e todas as demais coisas, inclusive a encarnação de Cristo e sua expiação, na intenção e no propósito de Deus (OLSON, 2001, pp.468-469).

Beza e os demais calvinistas supralapsarianos acreditavam que estavam esclarecendo os pormenores lógicos da doutrina da eleição ensinada por Calvino. Alguns estudiosos são da opinião que Calvino teria aprovado. Outros acham que ele teria preferido a visão infralapsariana. No infralapsarianismo, o decreto divino da predestinação é subordinado ao decreto de permitir a queda da humanidade no pecado. De acordo com os calvinistas infralapsarianos, o propósito supremo do seu plano global, não é eleger alguns a predição e salvar outros, mas glorificar a si mesmo pela criação do mundo. Sendo assim a ordem dos decretos divinos no infralapsarianismo é: 1. O decreto divino de criar o mundo e, nele, a humanidade; 2. O decreto divino de permitir a queda da humanidade; 3. O decreto divino de eleger alguns seres humanos à salvação e à vida eterna e de predestinar outros à perdição e ao castigo eterno; 4. O decreto divino de fornecer o meio de salvação (Cristo) aos eleitos; 5. O decreto divino de aplicar a salvação aos eleitos e deixar os réprobos (os predestinados à perdição) ao seu destino merecido (OLSON, 2001, p.469).

A discórdia entre os supralapsários e os infralapsários, era que para os supralapsarianos o decreto divino da predestinação se aplica aos seres humanos como criaturas, não levando em consideração o fato de que também serem pecadores, já os infralapsarianos consideravam que o decreto divino da predestinação se aplicava aos seres humanos como pecadores caídos. De qualquer forma, tanto os salvos quanto aos perdidos são o que são porque Deus assim decidiu desde a eternidade (OLSON, 2001, p.469).

A teologia arminiana provém do teólogo holandês Jacó Armínio que nasceu em 1560 e morreu em 1609, aos 49 anos de idade. Armínio foi criado como protestante na

pequena cidade de Oudewater, entre Utrecht e Roterdã, mas sua formação cristã não foi pesadamente calvinista. Isso é, a posição que surgiria com o nome de arminianismo não é oriunda do calvinismo como alguns pensam. No decorrer de seus estudos Armínio foi influenciado por muitos teólogos de tradição não calvinista, ele foi influenciado por Erasmo de Roterdã, que era holandês, e que permaneceu católico. Armínio foi influenciado pela patrística (anterior a Agostinho), logo, tudo indica que Armínio teve uma trajetória diferente da trajetória calvinista. Seu nascimento se deu em um período anterior a ascensão do calvinismo na Holanda. Logo, tudo indica que ele era de uma linhagem soteriológica diferente, embora concordasse com todos os demais aspectos da teologia reformada (liturgia, sacramentos, pacto).

Ao se tornar aluno de Teodoro Beza, Jacó Armínio teve a oportunidade de avaliar de perto a doutrina calvinista supralapsária pregada pelo sucessor de João Calvino. De acordo com Bangs:

Através de Beza, Armínio esteve de frente com um derivado do calvinismo, não aquele do próprio mestre, mas o de um seguidor que tenta ser fiel a seu professor ao impor uma coerência rígida interna naquilo que havia sido uma teologia livre e criativa. Beza eleva a doutrina da predestinação a uma proeminência que não possuía em Calvino (BANGS, 2015, p.76).

Em sua obra mais madura, intitulada *Declaração de sentimentos*, Armínio levantou vinte objeções ao supralapsarianismo, e algumas delas se aplicam a qualquer pensamento calvinista, incluindo o infralapsarianismo. Armínio argumentou que o supralapsarianismo é contrário à própria natureza do evangelho, pois entende, que as pessoas são salvas ou não independentemente de serem pecadoras ou crentes.

Na *Declaração de sentimentos*, Armínio propôs um esquema alternativo de quatro decretos divinos a respeito da salvação intitulado “Meus próprios sentimentos a respeito da predestinação”, onde ele reafirma sua crença na predestinação:

I. O primeiro decreto absoluto de Deus sobre a salvação do pecador é aquele pelo qual decretou que nomeava seu Filho Jesus Cristo mediador, redentor, salvador, sacerdote e rei [...] II. O segundo decreto exato e absoluto de Deus é aquele pelo qual decretou que receberia em favor aqueles que se arrependessem e cressem e que, em Cristo [...] se cumpriria a salvação dos penitentes e crentes que perseverassem até o fim; mas que deixaria em pecado e sob a ira todos os impenitentes e incrédulos e os condenaria pela alienação a Cristo. III. O terceiro decreto divino é aquele pelo qual Deus decretou que administraria de modo suficiente e eficaz os meios que eram necessários ao arrependimento e à fé [...]. IV. Depois desses, segue-se o quarto decreto pelo qual Deus decretou a salvação ou a perdição das pessoas.

Esse decreto se fundamenta na presciência de Deus, pela qual desde a eternidade ele sempre soube quais os indivíduos que, pela graça [preveniente], creriam e, pela graça subsequente, perseverariam. (OLSON, 2001, p.479).

Olson nos chama a atenção, e nos lembra que em Armínio:

Toda a questão da predestinação estava relacionada à condição caída dos seres humanos carentes de redenção. Para Armínio, o decreto divino de permitir a queda, em outras palavras, não dizia respeito à salvação. Os decretos de Deus a respeito da salvação vêm depois (são logicamente posteriores) da permissão divina da queda de Adão e de Eva (OLSON, 2001, p.479).

Armínio deixa claro seu pensamento sobre o assunto em seu tratado *Certos Artigos que devem ser diligentemente examinados e ponderados*:

1. Adão poderia continuar desfrutando a bondade e se abster de pecar, e isto na realidade e com referência ao resultado, e não apenas pela capacidade de não ser levado a agir por algum decreto precedente de Deus, ou melhor, de que não fosse possível que ele fosse levado a agir por esse decreto precedente. 2. Adão pecou, livre e voluntariamente, sem nenhuma necessidade, fosse ela interna ou externa. 3. Adão não caiu pelo decreto de Deus, nem por ter sido ordenado a cair, nem por deserção, mas pela mera permissão de Deus, que é colocada na subordinação a nenhuma predestinação, seja à salvação ou à morte, mas que cabe à providência, na medida em que ela é distinguida como oposição à predestinação. 4. Adão não necessariamente caiu, seja com respeito a um decreto, indicação, deserção ou permissão e, com base nisto, é evidente que tipo de juízo deveria ser formado a respeito das expressões da seguinte descrição: 5. “Eu, de fato, confesso que, pela vontade de Deus, todos os filhos de Adão caíram nesta condição infeliz, à qual estão presos” (Calvino, Institute, lib. 3, cap. 23). 6. “Eles negam a existência deste fato em palavras expressas – o de que foi decretado por Deus que Adão pereceria pela sua própria deserção”. 7. “Deus tinha presciência do resultado que o homem teria, sendo, assim, ordenado pelo seu decreto”. 8. “Deus não apenas tinha a presciência da queda do primeiro homem, mas, pela sua própria vontade, a ordenou” (ARMÍNIO, 2015, Vol.2, p.423-424).

Concluimos que Armínio discordou veementemente da interpretação de Calvino e de Beza. No pensamento soteriológico de Armínio, não encontramos nenhuma semelhança com a doutrina da predestinação de Calvino e Beza.

## **7 MONERGISMO E SINERGISMO**

De acordo com Olson o monergismo é um termo amplo, sendo as vezes confuso compreendê-lo. Seu sentido mais amplo segundo Olson, aponta para:

Deus como a realidade totalmente determinante, que significa que todas as coisas na natureza e história estão sob o controle direto de Deus. Não necessariamente implica que Deus causa todas as coisas diretamente, mas necessariamente implica que nada pode acontecer que seja contrário à vontade de Deus e que Deus está intimamente envolvido (ainda que trabalhando por meio de causas secundárias) em tudo, então tudo na natureza e história reflete a vontade primária de Deus (OLSON, 2013, p.24).

O principal significado do termo monergismo, é que Deus é a única agência determinante na salvação. Não existe cooperação entre Deus e a pessoa sendo salva que já não esteja determinada por Deus na pessoa através da graça regeneradora, por exemplo. Dentre os monergistas, encontramos Martinho Lutero, que foi como diz Olson um monergista inconsistente. Agostinho adotou a mesma posição em seus escritos posteriores. Alguns pensadores católicos foram monergistas, mesmo quando a teologia católica favorecia a uma forma de sinergismo (OLSON, 2013, pp.24-25).

De acordo com Olson, Jacó Armínio é lembrado na história da igreja como um pastor controverso que escreveu:

Inúmeras obras, acumulando três grandes volumes, defendendo uma forma evangélica de sinergismo (crença na cooperação divino-humana na salvação) contra o monergismo (crença de que Deus é a realidade totalmente determinante na salvação, que exclui a participação humana). Armínio certamente não foi o primeiro sinergista na história do cristianismo; todos os pais da igreja, gregos dos primeiros séculos cristãos e muitos dos teólogos medievais católicos eram sinergistas de algum tipo. Além do mais, ao passo que Armínio e seus primeiros seguidores, conhecidos como os "Remonstrantes", adoravam enfatizar, que muitos protestantes antes dele foram sinergistas em certo sentido da palavra. (Como a maioria dos termos teológicos, sinergismo tem múltiplas nuances de significado, sendo que nem todas são positivas; aqui ela simplesmente significa qualquer crença na responsabilidade humana e na habilidade de livremente aceitar ou rejeitar a graça da salvação). (OLSON, 2013, p.19).

Philip Melanchton (1497-1560), foi representante de Martinho Lutero na Reforma Alemã, Melanchton era sinergista. Devido sua influência no luteranismo pós-Lutero, muitos luteranos em toda a Europa abraçaram uma perspectiva sinergística acerca da salvação, rejeitando assim, a predestinação incondicional e afirmando que a graça é resistível.

Sinergismo é qualquer pensamento teológico que ver a livre participação humana na salvação. As formas heréticas de sinergismo, encontramos no pelagianismo e no semipelagianismo. O pelagianismo nega o pecado original. O semipelagianismo adota uma versão modificada do pecado original, e acreditam que o homem tem

condições, mesmo em seu estado de queda, de iniciar a salvação ao exercer uma boa vontade sobre Deus. Quando teólogos conservadores afirmam que o sinergismo é uma heresia, eles frequentemente estão se referindo a estas duas formas pelagiana de sinergismo (OLSON, 2013, p.24).

Olson declara qual o tipo de sinergismo é defendido pelo arminianismo clássico, ele diz que: “[...] o arminianismo clássico não é pelagiano e nem semipelagiano! Mas é sinérgico. O arminianismo é o sinergismo evangélico em oposição ao sinergismo herético e humanista” (OLSON, 2013, p.24).

A história relata que após a morte de Armínio (1609), um remonstrante posterior chamado Philip Limborch (1633-1712) levou o arminianismo para mais perto do liberalismo, essa atitude fez surgir, aqueles que chamamos de “arminianos de cabeça”. Muitos críticos do arminianismo tiveram contato apenas com o arminianismo de Philip Limborch, que era mais próximo do semipelagianismo do que dos ensinamentos do próprio Armínio, o que levou a tais críticos relacionarem o arminianismo e até mesmo Armínio com o semipelagiano. A partir da época (Séc. XVIII) de Philip Limborch, muitos arminianos, e consideravelmente os da Igreja da Inglaterra e nas igrejas congregacionais, mesclaram o arminianismo com a nova religião natural do iluminismo, tornando-se os primeiros liberais dentro do protestantismo. Na Nova Inglaterra, temos agora homens como, John Taylor (1694-1761), Charles Chauncy (1705-1787) de Boston, como representantes do arminianismo de cabeça que, com frequência e perigosamente, inclinavam-se bem próximo ao pelagianismo (OLSON, 2013, p.30-31).

Já os arminianos de coração, é a designação daqueles que se mantiveram fieis aos ensinamentos de Armínio e dos Remonstrantes, de John Wesley e de seus herdeiros evangélicos, os arminianos de coração, são os arminianos que não negam a depravação total ou a absoluta necessidade da graça sobre natural que capacita o homem para um primeiro exercício de uma boa vontade para com Deus. Sendo assim, são os arminianos de coração os verdadeiros arminianos, pois mantiveram-se fieis aos ímpetus fundamentais de Armínio e seus primeiros seguidores em posição aos “arminianos de cabeça” (que se distanciaram dos ensinamentos de Armínio entrando na teologia liberal, os quais glorificaram a razão e a liberdade em detrimento da revelação e da graça sobrenatural) (OLSON, 2013, p. 23).

No decorrer da história nos deparamos com vários debates envolvendo o monergismo e o sinergismo. Os mais significativos foram, o debate de Agostinho contra o pelagianismo de Pelágio, e o semipelagianismo de Cassiano, ambas posições rejeitadas posteriormente por Armínio. O debate entre o estudioso Erasmo de Roterdã e o reformador Lutero, enquanto Erasmo defendia o sinergismo, Lutero defendeu o monergismo (ainda que de maneira inconsistente). Armínio em seguida, discordaria do monergismo defendido por Calvino e Beza.

## **8 CONCLUSÃO**

Nesse trabalho apresentamos os caminhos tomados pelo pensamento teológico, seu desenvolvimento no período do escolasticismo protestante, passando pelo período da renascença, e seu ápice, por assim dizer, com a Reforma Protestante. Observamos ainda, o retorno do estilo escolástico de se fazer teologia, Pós-Reforma Protestante no que contribuiu para debates teológicos entre monergistas e sinergistas no período que ficou conhecido como escolasticismo protestante.

Percebemos como é de suma importância acompanhar os desdobramentos históricos de cada tradição teológica, vimos assim que não é possível compreender de maneira adequada o pensamento teológico sem esse tipo de análise e principalmente descobrir quais as principais consequências das mesmas em sua relação direta e indireta com o testemunho da escritura.

Nesta perspectiva podemos observar que se faz necessário um estudo cada vez mais aprofundado para que possamos analisar os fatos dos momentos históricos que são riquíssimos na abordagem teológica a luz do seu contexto de cada época. E assim mesmo que verificamos essas análises filosóficas e seculares para a fundamentação da pesquisa acadêmica.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ARMÍNIO, Jacó. **As Obras de Armínio**. Vol.1. Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

BANGS, Carl O. **Armínio**: um estudo da reforma holandesa. São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo através dos Séculos**: uma história da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2008.

FERREIRA, Paulo. **A Reforma em Quatro Tempos**: desdobramentos na Europa e no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

GONZÁLES, Justo L. **Uma História do Pensamento Cristão**: De Agostinho às vésperas da Reforma. Vol. 2. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HAGGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Porto Alegre: Concórdia Editora Ltda, 2003.

NICHOLS, Robert Hastings. **História da Igreja Cristã**. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 2000.

OLSON, Roger. **História da Teologia Cristã**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

OLSON, Roger E. **Teologia Arminiana**: mitos e realidades. São Paulo: Editora Reflexão, 2013.

VIANA, Gustavo. **Apostila - História da Teologia**, p.71. Fortaleza, 2017.